

Automedicação e o risco à saúde: uma revisão de literatura

Self-medication and health risk: a literature review

DOI:10.34117/bjhrv4n1-020

Recebimento dos originais: 07/12/2020

Aceitação para publicação: 07/01/2021

Mateus Silva Xavier

Acadêmico do curso de medicina do Centro Universitário de Patos de Minas –
UNIPAM.

E-mail: mateussx@unipam.edu.br

Henrique Normandia Castro

Acadêmico do curso de medicina do Centro Universitário de Patos de Minas –
UNIPAM.

E-mail: henriquecastro@unipam.edu.br

Luiz Gustavo David de Souza

Acadêmico do curso de medicina do Centro Universitário de Patos de Minas –
UNIPAM.

E-mail: luizgds@unipam.edu.br

Yago Sady Lopes de Oliveira

Acadêmico do curso de medicina do Centro Universitário de Patos de Minas –
UNIPAM.

E-mail: yagolopes@unipam.edu.br

Natalia Filardi Tafuri

Docente no Centro Universitário de Patos de Minas-UNIPAM. Graduação em Farmácia (2005) e Habilitação em Análises Clínicas (2006) pelo Centro Universitário de Patos de Minas- UNIPAM. Mestrado em Bioquímica pela Universidade Federal de Viçosa-UFV.

E-mail: nataliaft@unipam.edu.br

Natália de Fátima Gonçalves Amâncio

Docente no Centro Universitário de Patos de Minas-UNIPAM. Graduação em Fisioterapia pelo Centro Universitário de Patos de Minas (2010). Mestrado (2013), Doutorado (2016) e Pós-Doutorado (2020) em Promoção da Saúde pela Universidade de Franca. Especialista em Saúde Pública com Ênfase em Saúde da Família pelo Centro Universitário de Patos de Minas. Especialista em Fisioterapia na Saúde da Mulher pela Faculdade Ciências Médicas de Minas Gerais.

E-mail: nataliafga@unipam.edu.br

RESUMO

Introdução: A automedicação pode ser entendida como a seleção e o uso de medicamentos por pessoas para tratar doenças ou sintomas sem a supervisão ou a prescrição de um profissional, gerando riscos para a saúde individual. Objetivo: Analisar a prática da automedicação na sociedade brasileira e entender os riscos e complicações mais

frequentes dessa prática. Metodologia: Trata-se de uma revisão integrativa de literatura. A coleta de dados ocorreu através das plataformas da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), e as bases de dados National Library of Medicine (PubMed MEDLINE) e Scientific Electronic Library Online (SCIELO), utilizando-se as palavras-chave prevalência, automedicação e riscos, cruzados entre si. Resultados: Percebeu-se uma heterogeneidade do perfil dos grupos que fazem automedicação. Os grupos etários predominantes foram universitários, jovens adultos e crianças por influência dos pais. Houve, ainda, uma relativa predominância do sexo feminino nos achados. Discussão: A automedicação ainda é uma prática recorrente na sociedade brasileira, e para isso, baseando-se no contexto assistencialista do Sistema Único de Saúde, necessita-se que os riscos e consequências de tal prática sejam abordados, já que a mesma pode se levar em casos extremos até a morte, já que todo medicamento tem o potencial de causar reações adversas (RAM). Conclusão: Percebe-se que a prevalência de automedicação no Brasil caracteriza-se como um agravo de saúde pública e que as classes mais afetadas são pessoas mais jovens, e de alta escolaridade. Todavia políticas públicas veem contribuindo para a diminuição dessa prática sobretudo em classes de maiores fatores de risco como os idosos.

Palavras-chave: Automedicação, Riscos, Saúde.

ABSTRACT

Introduction: Self-medication can be understood as the selection and use of medications by people to treat diseases or symptoms without the supervision or prescription of a professional generating risks to individual health. Objective: Analyze the prevalence of self-medication in Brazil, understanding the health risks that such habit brings, identifying the groups that have greater risk of exercising it. Methodology: This is an integrative literature review. The data collection occurred in October 2020, through the platforms of the Virtual Health Library (BVS), and the databases National Library of Medicine (PubMed MEDLINE) and Scientific Electronic Library Online (SCIELO), using the keywords prevalence, self-medication and risks, crossed among themselves. Results: A heterogeneity of the profile of the groups that make self-medication was perceived. The predominant age groups was university students, young adults and children due to parental influence. There was also a relative predominance of women in the findings. Discussion: Self-medication is still a recurrent practice in Brazilian society, and for this, based on the welfare context of the Unified Health System, the risks and consequences of such practice need to be addressed, since it can lead in extreme cases to death, since every drug has the potential to cause adverse reactions (ADR). Conclusion: It is perceived that the prevalence of self-medication in Brazil is characterized as a public health hazard, and that the classes most affected are younger people, and highly educated. However, public policies have contributed to the reduction of this practice, especially in higher risk factor classes such as the elderly.

Keywords: Self-medication, Risks, Health.

1 INTRODUÇÃO

A automedicação pode ser entendida como a seleção e o uso de medicamentos por pessoas para tratar doenças ou sintomas sem a supervisão ou a prescrição de um profissional, inserida no contexto do autocuidado (Naves, 2010). Já Galato (2012), define

a automedicação como o consumo medicamentoso, no qual os indivíduos tratam os seus problemas de saúde com medicamentos aprovados e disponíveis, adquiridos sem prescrição, que sejam seguros e efetivos quando utilizados como indicado por profissionais.

Essa prática tem se mostrado muito comum na sociedade e pode estar relacionada a diferentes causas. Dentre elas, pode-se citar a variedade de produtos fabricados pela indústria farmacêutica, a facilidade de comercialização de medicamentos, a própria cultura e comodidade assimilada pela sociedade, a grande variedade de informações médicas disponíveis (Brasil, 2012) e a substituição inadvertida da orientação médica por sugestões de medicamentos provenientes de pessoas não autorizadas, entre estes familiares, amigos ou balconistas em farmácias (MATOS, 2018).

Uma preocupante consequência da automedicação são as intoxicações medicamentosas, as quais surgem devido a mecanismos complexos, relacionados a processos farmacodinâmicos e farmacocinéticos envolvidos, por sua vez, com características individuais, com propriedades farmacêuticas do produto e com interações com medicamentos e alimentos (NÓBREGA *et al*, 2015).

No Brasil, o Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas (Sinitox/Fiocruz) registrou, apenas em 2017, cerca de 20 mil casos de intoxicação por uso de medicamentos e 50 mortes, correspondendo a uma letalidade de 0,25%. No mesmo ano, os medicamentos foram a primeira causa de intoxicação humana por agente tóxico, sendo responsável por 27,11% do total de casos registrados deste tipo de toxicose. Quanto à faixa etária, percebeu-se uma predominância de crianças menores de 4 anos e jovens adultos (20 a 29 anos) como os grupos que sofreram de envenenamento por medicamentos em 2017 (SINITOX,2020).

Nesse contexto, é necessário o delineamento de estratégias para o controle da automedicação, devendo essas estarem focadas na avaliação e no entendimento de como a população adquire, armazena e utiliza os medicamentos, na identificação do perfil das pessoas que se automedicam e no conhecimento dos motivos que levam a população a realizar essa prática.

Sendo assim, a realização desse estudo irá reunir informações relevantes, como a divulgação de riscos inerentes associados à essa prática, como a ocorrência de reações adversas e intoxicações. Além disso, os dados divulgados irão beneficiar a população em geral, permitindo melhor conhecimento sobre a prática inapropriada da automedicação, evitando problemas futuros, melhorando assim a saúde pessoal.

Nesse contexto, o presente estudo tem como objetivo analisar a prática da automedicação na sociedade brasileira e entender os riscos e complicações mais frequentes dessa prática. Especificamente o estudo buscará identificar os grupos com maior ocorrência da prática da automedicação, além de analisar os riscos e as complicações mais frequentes decorrentes dessa prática.

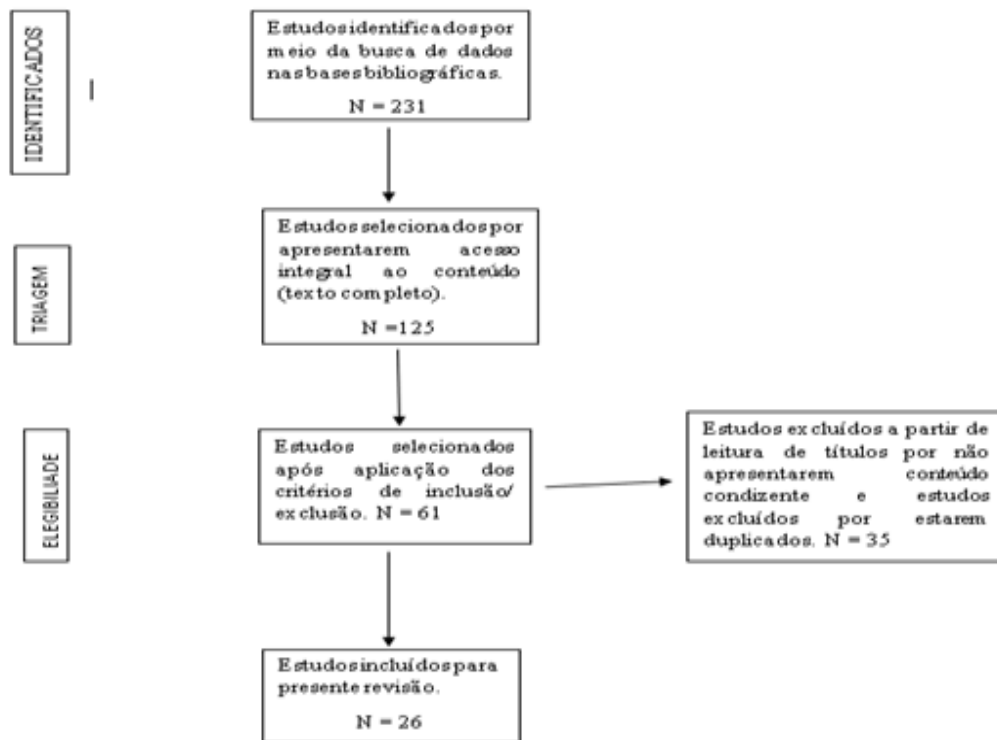
2 METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma revisão integrativa de literatura sobre os riscos à saúde associados à automedicação. A questão norteadora da pesquisa foi definida utilizando a estratégia PICO (Acrônimo para *Patient, Intervention, Comparison e Outcome*) e definida assim: “A população brasileira que se automedica corre riscos de saúde”? (P= População brasileira; C= não se aplica à esta pesquisa; I= automedica e O= riscos de saúde). As fontes de informação acessadas online para a presente pesquisa foram a Biblioteca Virtual de Saúde (BVS) e as bases de dados National Library of Medicine (PubMed MEDLINE) e Scientific Eletronic Library Online (SCIELO), utilizando-se as palavras-chave prevalência, automedicação e riscos, cruzados entre si.

A busca foi realizada no mês de setembro de 2020, sendo incluídos estudos publicados no período compreendido entre 2015 e 2020, em língua portuguesa e inglesa, que abordassem o tema pesquisado e permitissem acesso integral ao conteúdo do estudo. Foram excluídos aqueles estudos que não obedeceram aos critérios de inclusão supracitados, além dos estudos duplicados encontrados simultaneamente em duas ou mais bases de dados, além de resultados de um mesmo artigo publicado em mais de uma língua.

A estratégia de seleção dos artigos seguiu as seguintes etapas: busca nas bases de dados selecionadas; em que foram encontrados inicialmente 231 artigos. Desses, 125 tinham acesso integral e poderiam ser levados à triagem. Com isso, aplicou-se os critérios de elegibilidade citados anteriormente, identificando 61 estudos. Todavia ainda foram excluídos 35 estudos que não condiziam com os objetivos a serem investigados além de artigos que estavam duplicados. O resultado foi de 26 artigos encontrados, conforme fluxograma abaixo.

Figura 1: Esquema de seleção dos artigos.



3 RESULTADOS

Dos 26 artigos analisados, percebeu-se uma heterogeneidade do perfil dos grupos que fazem automedicação, desde grupos de maior escolaridade até grupos de menor escolaridade. Os grupos etários predominantes foram universitários, jovens adultos e crianças por influência dos pais. Houve, ainda, uma relativa predominância do sexo feminino nos achados.

A tabela a seguir (**Tabela 1**) foi construída de modo a simplificar as principais informações e proporcionar melhor visualização de cada estudo utilizado.

Tabela 1. Apresentação dos artigos incluídos na revisão integrativa, quanto ao título, ano de publicação, autores e principais resultados encontrados.

Autores	Título	Principais Achados
TOGNOLI <i>et al</i> , 2019	Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo	Predomínio de analgésicos e anti-inflamatórios e do sexo feminino, com convênio médico e conscientes dos riscos de automedicação. Dos 320 participantes, 309 admitiram praticar automedicação (96,56%), desses, 110 (34,37%) tinham consciência da necessidade de receituário médico, mas não o fizeram.

GARBIN <i>et al.</i> , 2019	A realidade de uma prática autocomplacente: relato de um caso de automedicação	A questão econômica não exerceu influência significativa nessa prática, devido a facilidade de acesso aos fármacos e baixo custo.
SILVA <i>et al.</i> , 2019	Acesso e implicações da automedicação em idosos na atenção primária à saúde	Prevalência da automedicação (66,7%), associada a diversas variáveis: demográficas, socioeconômicas, ao uso dos serviços de saúde e auto percepção da saúde e ao consumo de medicamentos não prescritos segundo patologias específicas.
WANG <i>et al.</i> , 2019.	O equívoco do antibiótico igual a um medicamento anti-inflamatório que promove o uso indevido de antibióticos entre estudantes universitários chineses.	Foram 3.882 (34,7%) estudantes que foram considerados com uso equívoco dos antibióticos.
TESFAMARIAM <i>et al.</i> , 2019.	Automedicação com medicamentos contra o contator, prevalência de prática de risco e seus fatores associados em pontos de farmácia de Asmara, Eritreia	Dos 609 clientes, 93,7% praticaram automedicação com medicamentos OTC; dos quais 81,8% estavam em prática de risco, por alta dosagem ou armazenamento. Ibuprofeno → perturbações gástricas.
DA SILVA <i>et al.</i> , 2018	A prática da automedicação em crianças por seus pais: Atuação da enfermagem	Os principais sintomas automedicados nas famílias estudadas foram febre (58%), tosse (36%), dores de garganta e dores gerais (32%) e gripe e dor de cabeça (26%). Os medicamentos mais usados foram dipirona (54%) e o paracetamol (36%), seguidos dos xaropes expectorantes (22%).
JUNIOR <i>et al.</i> , 2018.	Influência da publicidade na automedicação na população de um município brasileiro de médio porte	67% da amostra realizava automedicação, sendo destes 80% conscientes dos riscos da prática e 67,6% sendo influenciados por propagandas e publicidade.
SANTOS <i>et al.</i> , 2018	Prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem de uma instituição de ensino superior.	Analgésicos e anti-flamatórios foram os mais utilizados de um total de 91,2 adeptos da prática. O motivo é a dificuldade e demora no atendimento médico (38,46%), sendo que 60,7% afirmam ter conhecimento dos efeitos colaterais e contraindicações.
TORRES <i>et al.</i> , 2018	Prevalência e fatores associados à polifarmácia em idosos: 2006–2014	A prevalência de polifarmácia esteve presente em 21,9%, e a prevalência de automedicação foi de 10,7%. Os medicamentos mais utilizados foram para pressão arterial (51,6%), dor (42,8%) e colesterol (28,2%).
CHABY <i>et al.</i> , 2018	Reações adversas cutâneas graves devido ao uso inadequado de medicamentos.	Os antibióticos, os anticonvulsivantes e o alopurinol foram os medicamentos mais usados. (20,9%). Alopurinol e clotrimazol foram os mais envolvidos em indicações inadequadas.
SANTOS <i>et al.</i> , 2018.	Automedicação entre participantes de uma Universidade Aberta à Terceira Idade e fatores associados	A maioria possuía entre 60 e 69 anos (61,6%), era do sexo feminino (75,4%), e afirmou praticar automedicação (59,4%). Analgésicos (31,9%), relaxantes musculares (13,8%), anti-inflamatórios (13,0%) e anti-histamínicos de primeira geração (7,2%).
SECOLI <i>et al.</i> , 2018.	Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE.	Observou-se redução da automedicação de 42,3%, em 2006, para 18,2% em 2010. Nos dois períodos, os medicamentos prevalentes foram as com ação no sistema nervoso (27,9% e 29,6% respectivamente) e trato alimentar e metabolismo (25,5% e 35,9% respectivamente).
MORAES <i>et al.</i> , 2018	Automedicação em acadêmicos de Medicina.	Dos 148 entrevistados, a prevalência foi em estudantes do primeiro e segundo ano do curso e os remédios mais utilizados foram da classe dos

EBRAHIMI <i>et al</i> , 2017	Automedicação e seus fatores de risco em mulheres antes e durante a gravidez	Prevalência da automedicação, em mulheres que adoeceram foi de 63,9% antes da gravidez e de 43,5% durante a gravidez.
GILLANI <i>et al</i> , 2017	Automedicação com antibióticos entre estudantes universitários não médicos em Punjab, Paquistão: uma pesquisa transversal.	Participaram 750 estudantes, do total, 58,3% praticaram automedicação nos últimos seis meses e 326 (45%) confirmaram o uso de antibióticos. Metronidazol foi o antibiótico automedicado com maior frequência (48%).
BENSON <i>et al</i> , 2017	Sintomas de depressão e TDAH em relação ao uso indevido de medicamentos estimulantes entre estudantes universitários.	A taxa de prevalência de uso indevido foi de 23%. Os sintomas de depressão foram significativamente relacionados ao uso indevido; no entanto, uma vez que os sintomas de TDAH foram incluídos na análise, a depressão não era mais um preditor significativo.
LUTZ <i>et al</i> , 2017	Inadequação do uso de medicamentos entre idosos em Pelotas, RS.	Foram avaliados 5661 medicamentos e encontrados 937 como potencialmente inadequados. No entanto, apenas 2,1% desses medicamentos foram consumidos por automedicação.
GAMA <i>et al</i> , 2017.	Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas – Brasil.	A prevalência de automedicação foi de 76,0%, motivada especialmente pela percepção de que o problema de saúde não requeria visita ao médico (46,6%). Os mais consumidos foram anti-inflamatórios não esteroides (63,2%) e antibióticos (11,1%).
ARRAIS <i>et al</i> , 2016	Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados.	Prevalência em sexo feminino, na faixa etária entre 20-39 anos, entre os indivíduos que declararam ser de raça indígena e amarela, com nível de escolaridade igual ou maior que 12 anos de estudos, moradores da região Nordeste.
ZHU <i>et al</i> , 2016	Práticas de automedicação com antibióticos entre estudantes universitários chineses.	Dos alunos autotratados, 43,5% acreditavam que o antibiótico era adequado para infecções virais, 65,9% tiveram mais de um episódio de automedicação no ano anterior, 73,5% se automedicaram com pelo menos dois antibióticos diferentes, 57,1% e 64,4% alteraram a dosagem do antibiótico.
BOYD <i>et al</i> , 2015	Um estudo prospectivo do uso não médico de ansiolíticos e medicamentos para dormir por adolescentes.	Os adolescentes que se automedicaram com ansiolíticos tinham 10 vezes mais probabilidade de se envolver em outras formas não médico prescritiva de automedicação, e 3 vezes mais chance de se automedicarem para tratar a ansiedade ou dormir.
PÉREZ <i>et al</i> , 2015	Preditores do uso de medicamentos na população cigana na Espanha: um estudo nacional de base populacional.	As mulheres relataram maior uso de medicamentos do que os homens (75,1% vs 62,3%); entretanto, a automedicação foi maior entre os homens. Analgésicos e antipiréticos foram os mais utilizados (35,8%).
ZULLIG <i>et al</i> , 2015	Uso não médico de analgésicos, estimulantes e depressivos prescritos por adolescentes e risco de suicídio.	Cerca de 21% dos entrevistados relataram o uso não médico de medicamentos prescritos vitalício. Tiveram entre 1,7 e 2,3 vezes mais probabilidade de relatar ideação suicida.
TOMASINI <i>et al</i> , 2015	Prevalência e fatores da automedicação entre estudantes universitários no Norte do Paraná	Analgésicos são os medicamentos mais utilizados pelos acadêmicos (65,3%). A prática é mais elevada em mulheres (68,4%) do que nos homens (31,6%).
OCAN <i>et al</i> , 2015	Automedicação antimicrobiana domiciliar: revisão sistemática e meta-	A prevalência global de automedicação antimicrobiana foi de 38,8 % Os sintomas comuns de doenças tratados foram: respiratórios (50%),

	análise da carga, fatores de risco e desfechos nos países em desenvolvimento.	febre (47 %) e gastrointestinal (45%). Os desfechos negativos foram alergia (5,9%), ineficácia (11,8%) e morte (5,9%).
SILVA <i>et al</i> , 2015	Consumo de Medicamentos e prática da automedicação por acadêmicos da área da saúde da Universidade Estadual de Londrina	Dos 571 acadêmicos avaliados, a idade média foi de 21,1±3,2 anos, predomínio do sexo feminino (74,6%) e com acesso a plano de saúde (64,1%). 88,3% relataram a prática da automedicação.

4 DISCUSSÃO

A prevalência da automedicação encontrada apresenta algumas variáveis no perfil populacional, com alguns grupos com maior ocorrência dessa prática como universitários, jovens e sexo feminino. Em relação à prática entre estudantes de enfermagem, foi descrito por Santos *et al*, (2018), que em uma amostra de 240 acadêmicos, 91,3% afirmaram realizar automedicação e apenas 8,8% afirmaram não realizar essa prática, estabelecendo uma prevalência de quase totalidade. Sobre os medicamentos, a maioria faz uso do paracetamol 75,9% e 67,6% utiliza dipirona. Assim, pode-se estabelecer comparação com GAMA *et al*, (2017), no qual foi observada também em estudantes de enfermagem do Amazonas, a prevalência da automedicação por paracetamol e dipirona (48,8%), em uma amostra com 116 estudantes.

Assim, em proximidade com os outros estudos, SILVA, *et al* (2015), apresenta a prática de automedicação referida por 88,3% (n=504) dos estudantes da área da saúde, a qual foi semelhante entre os cursos avaliados como enfermagem: 86,0%; farmácia: 88,7%; medicina: 89,4%. Ademais, os sintomas mais referenciados tratados com automedicação, que foram cefaleia e resfriados, são semelhantes aos encontrados por outros estudos que avaliaram esta prática no curso de enfermagem. Normalmente a cefaleia é abordada como um sintoma simples, corriqueiro e sem importância, porém este pode ser um sinal de doenças mais complexas, como enxaqueca, hipertensão arterial, aneurismas e/ ou tumores cerebrais. Além disso, a causa da cefaleia pode também ser o abuso dos próprios medicamentos, sendo que a automedicação inadequada para o tratamento deste sintoma pode mascarar ou atrasar o diagnóstico de importantes problemas de saúde (SILVA *et al*, 2015).

Partindo do pressuposto de Moraes *et al*, (2018), observa-se que a prevalência da automedicação em acadêmicos de medicina é equiparada a índices nacionais, ou seja, altas taxas regionais da prática de consumo desregulado de fármacos, com predominância entre os acadêmicos do sexo feminino, principalmente do terceiro e quarto anos do curso.

Relacionando com a classe dos medicamentos mais frequentes, encontra-se a classe de fármacos mais citada, a dos analgésicos (52,05%), seguida pelos antiinflamatórios (17,81%) e antiácidos (6,85%). Assim, é importante inferir que a depender da quantidade e da frequência, as consequências do uso a médio/longo prazo de analgésicos e antiinflamatórios incluem hepatites medicamentosas, perpetuação de dores, nefropatias, úlceras e gastrites, o que são graves consequências para os acadêmicos aqui citados. Outro aspecto importante é que quanto maior a quantidade de fármacos administrados, maiores são as chances de efeitos farmacológicos adversos e reações alérgicas, além do aumento potencial de mortalidade (MORAES *et al*, 2018).

Além disso, outras complicações podem surgir com o uso inadequado de analgésicos e antiinflamatórios, utilizados para tratamento de sintomas da gripe e resfriados. Se utilizados em excesso e sem real necessidade, podem trazer malefícios como: insuficiência renal, doenças hepáticas, entre outros (TOMASINI *et al*, 2015).

Com isso, pode-se estabelecer comparação com o estudo de Tognoli *et al*, (2019), em que foram analisados a prática da automedicação entre acadêmicos do curso de Medicina de Fernandópolis e, como resultados, também houve predominância do sexo feminino (65,31%) entre os entrevistados. Em relação ao tipo de medicamento escolhido para uso, é possível observar uma concordância com os resultados de Moraes *et al*, (2018) no qual os fármacos mais utilizados nos dois estudos são analgésicos e anti-inflamatórios. Isso pode ser explicado pela facilidade de aquisição sem receituário médico, uma vez que, segundo a Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA), não há necessidade de prescrição para os medicamentos acima considerados.

No que se refere à prática da automedicação em universitários estrangeiros, em uma pesquisa com 660 estudantes chineses, 316 alunos (47,9%) tinham história de automedicação ao longo da vida. Entre os alunos que já realizaram essa prática, 65,9% tiveram mais de um episódio no ano anterior e 73,5% se automedicaram com pelo menos dois antibióticos diferentes (ZHU *et al*, 2016).

Porém, na China, as pessoas não entendem há muito tempo a diferença entre os antibióticos e os antiinflamatórios não esteroidais. Esse equívoco foi prevalente entre os estudantes universitários e foi significativamente associado a comportamentos de uso indevido de antibióticos, o que é uma das razões mais importantes para a resistência antimicrobiana e reações adversas, representando ameaças à saúde global (WANG *et al*, 2019).

No tocante a essas reações, percebeu-se a existência de variados efeitos colaterais nos achados encontrados. Ocan *et al*, (2015) identificaram casos de alergia até morte ao se utilizar antibióticos; enquanto Charby *et al*, (2018), identificaram a presença de cicatrizes/marcas cutâneas após uso desses fármacos. Além disso, percebeu-se no estudo de Benson *et al*, (2017) um aumento de 23% da prevalência de TDAH com uso indevido de medicamentos estimulantes e antidepressivos em adolescentes. Vale ressaltar que essas reações adversas encontradas se devem sobretudo devido ao uso errôneo, equivocado e de superdosagem das medicações, conforme encontrado no relato de caso de Garbin *et al*, (2019) e nos achados de Tesfamariam *et al*, (2019) que diz respeito ao risco no uso de medicamentos OTC em diversos países ao redor do mundo.

Com isso, é de suma importância esclarecer os riscos e as consequências de tal prática indevida, pois a ela pode levar, em casos extremos, à morte, já que todo medicamento tem o potencial de causar reações adversas (RAM), independentemente do quão corriqueiro seja o seu uso. Ao se estabelecer comparação com as reações medicamentosas propostas na apostila de Trebien *et al*, (2011), percebe-se que as reações encontradas nos resultados podem ser divididas em dois tipos de reações.

As reações do tipo A são comuns, farmacologicamente previsíveis, podem ocorrer com qualquer indivíduo e geralmente dependem da dose administrada e têm baixa letalidade. Alguns exemplos são hemorragias por anticoagulantes orais, hipoglicemia com antidiabéticos, sonolência com ansiolíticos e hipotensão com anti-hipertensivos. As reações do tipo A podem ser tratadas pelo ajuste da dose ou pela substituição do fármaco. Já as reações do tipo B são inesperadas, incomuns, ocorrem apenas em pessoas suscetíveis e, em geral, independem da dose. Apresentam baixas incidência e morbidade, porém a letalidade pode ser alta. Englobam reações produzidas por hipersensibilidade, idiosincrasia, intolerância (TREBIEN *et al*, 2011).

Logo, percebeu-se que as reações adversas da automedicação estão mais vinculadas com as reações do tipo A, apesar de uma minoria dos achados terem sido letais. Apesar disso, não se pode afirmar necessariamente uma ligação direta de reações do tipo A e automedicação, dada as limitações quantitativas e qualitativas desse estudo (TREBIEN *et al.*, 2011).

Em relação aos resultados do grupo de idosos, Santos *et al*, (2018) demonstram uma prevalência entre 60 e 69 anos (61,6%), no sexo feminino (75,4%), destacando-se os medicamentos analgésicos (31,9%), relaxantes musculares (13,8%), anti-inflamatórios (13,0%) e anti-histamínicos de primeira geração (7,2%). De forma complementar, Torres,

et al (2018), em seu estudo indica uma prevalência de polifarmácia entre os idosos no período de 2006 e 2014 de 21,9% e de automedicação de 10,7%, sendo os mais utilizados foram para pressão arterial (51,6%), dor (42,8%) e colesterol (28,2%).

Por outro lado, o autor Silva *et al*, (2019) demonstram a prevalência associada a variáveis demográficas, socioeconômicas, ao uso dos serviços de saúde e autopercepção da saúde e ao consumo de medicamentos não prescritos segundo patologias específicas que seriam em torno de 66,7% do total estudado. Assim, Lutz *et al* (2017), de maneira mais generalista, analisaram 5661 medicamentos e encontrou 937 como potencialmente inadequados, sendo que apenas 2,1% desses medicamentos foram consumidos por automedicação.

Dessa forma, o estudo de Secoli *et al*, (2018), indicam a redução da automedicação de 42,3%, em 2006, para 18,2% em 2010, sendo que nos dois períodos, os medicamentos prevalentes foram as com ação no sistema nervoso (27,9% e 29,6% respectivamente) e trato alimentar e metabolismo (25,5% e 35,9% respectivamente).

A partir dos resultados encontrados, percebe-se que existem variantes relacionadas à automedicação. O livro *Tratado de Geriatria e Gerontologia 4ª Edição*, relata que apesar da automedicação ser menos comum em idosos do que em outras faixas etárias, com índices cada vez menores nas últimas décadas, apresentam potencial deletério entra a população mais envelhecida, contribuindo para a aquisição de delirium. Esses fatores, quando combinados com a automedicação e prescrição inadequada, contribuem para o fracasso terapêutico e geram custos desnecessários (FREITAS *et al*, 2016).

Em crianças, a automedicação é uma prática muito realizada pelos pais. Para DA SILVA *et al*, (2018), os responsáveis administram principalmente analgésicos e antiinflamatórios, devido às crianças apresentarem sintomas frequentes como a febre, cólicas ou algumas dores. Isto é associado à dificuldade e insatisfação dos responsáveis para acessar os serviços de saúde, pela presença da baixa escolaridade junto à desinformação e também a grande publicidade feita acerca destes medicamentos, os quais estão presentes em um grande número de farmácias, o que acaba levando o seu alto consumo e fácil acesso. Em associação com Junior *et al*, (2017) é possível ver que a automedicação é influenciada pelo atual acesso sem barreiras aos medicamentos, e também pelas suas altas publicidades, que acabam levando às utilizações desnecessárias e irracionais, não só pelos jovens, mas como também os pais ou responsáveis.

Já em adolescentes, de acordo com Zullig *et al.*, (2016) a automedicação é associada a múltiplas psicopatologias, das quais incluem a depressão e os pensamentos suicidas, tendo como medicamentos mais utilizados os de alívio de dor, estimulantes e antidepressivos. Ele adiciona que as mulheres possuem maiores chances de ter essas doenças ou de se machucarem por elas, e por isso, de realizar tal práticas. Isto se relaciona bastante com o estudo de Boyd *et al.*, (2015) o qual traz os mesmos fatores de risco, como o fato de ser mulher ou sofrer com algum sintoma psicológico.

Por fim, Perez *et al.*, (2015) mostra que tanto mulheres quanto homens, que sofrem com grandes cargas de trabalho, uma menor escolarização associada a uma pobre percepção sobre saúde, além da presença de doenças crônicas, faz o uso elevado da automedicação. Associado a isto, Arraias *et al.*, (2016) e Ebrahimi *et al.*, (2017) mostram que as mulheres, além de poderem possuir questões relacionadas ao trabalho, sofrem com sintomas como a dismenorreia, elevando a procura por analgésicos para alívio da dor, sem a consulta médica.

5 CONCLUSÃO

Sendo assim, percebe-se que a prevalência de automedicação no Brasil e no mundo caracteriza-se como um agravo de saúde pública e que as classes mais afetadas são pessoas mais jovens e de alta escolaridade. Todavia, políticas públicas veem contribuindo para a diminuição dessa prática, sobretudo em classes de maiores fatores de risco como os idosos.

No que se refere à aquisição desses medicamentos, a prática estabeleceu-se de maneira legítima e legal, em virtude das classes dos medicamentos que geralmente são adquiridos, no caso, sem receita médica. Nesse ponto, é imprescindível a atuação dos médicos como provedores de saúde, fornecendo orientações para os pacientes sobre a automedicação corroborando assim com as medidas públicas.

Pode-se concluir que apesar das variantes encontradas, as reações do tipo A são ligeiramente mais recorrentes que as do tipo B, tendo uma menor taxa de letalidade nos quadros de automedicação e com resultados mais frequentes em vítimas mais jovens e prevalentemente no sexo feminino. Por outro lado, a população mais envelhecida, apesar de se tratarem de um grupo de maior vulnerabilidade para os efeitos da automedicação, não apresentaram prevalência acentuada da prática.

Portanto, conclui-se que, nas condições testemunhadas no presente estudo, existem variantes nos resultados encontrados sobre a automedicação, uma vez que as

reações do tipo A são ligeiramente mais recorrentes e com uma menor taxa de letalidade, quando comparadas com as reações do tipo B, tendo pessoas mais jovens e de alta escolaridade como as classes mais afetadas. No entanto, apesar de políticas públicas estarem contribuindo para a diminuição dessa prática nos idosos, é necessário que sejam criadas medidas para a diminuição nas outras faixas etárias que apresentam prevalência acentuada da automedicação.

REFERÊNCIAS

ALVES, V. S. **A health education model for the Family Health Program: towards comprehensive health care and model reorientation**, Interface - Comunicação, Saúde, Educação, v.9, n.16, p.39-52, set.2004/fev.2005.

ARRAIAS, PSD; *et al.* Prevalência da automedicação no Brasil e fatores associados. **Rev Saúde Pública.** 2016; 50 (supl 2):13s.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Automedicação**. Brasília. 2012. Disponível em <http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/dicas/255_automedicacao.html> Acesso em 28 Oct 2020.

BOYD, J; *et al.* Um estudo prospectivo do uso não médico de ansiolíticos e medicamentos para dormir por adolescentes. **Psychology of addictive behaviors: journal of the Society of Psychologists in Addictive Behaviors**, v. 29, n. 1, p. 184-191, Mar 2015.

DA SILVA, Jéssica Gama; *et al.* A prática da automedicação em crianças por seus pais: Atuação da enfermagem. **Revista de Enfermagem UFPE on line**, [S.l.], v. 12, n. 6, p. 1570-1577, june 2018. ISSN 1981-8963. Disponível em: <<https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/230779>>. Acesso em: 29 oct. 2020.

DOS SANTOS, Thiago; *et al.* Prática da automedicação entre acadêmicos do curso de enfermagem de uma instituição de ensino superior. *Scientia Plena*, v. 14, n. 7, 2018.

DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA DO SUS - DATASUS. Informações de Saúde, Epidemiológicas e Morbidade: banco de dados. Disponível em: <<http://www2.datasus.gov.br/DATASUS/index.php?area=0203>> Acesso em 10 de Setembro de 2020.

DEPARTAMENTO DE INFORMÁTICA DO SUS - DATASUS. Informações de Saúde, Epidemiológicas e Morbidade: banco de dados. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sih/cnv/fimg.def>> Acesso em 10 de Setembro de 2020.

GALATO, Dayani; MADALENA, Jaqueline; PEREIRA, Greicy Borges. Automedicação em estudantes universitários: a influência da área de formação. *Ciênc. Saúde coletiva*, Rio de Janeiro, v. 17, n. 12, p. 3323-3330, Dec. 2012 .

GAMA, Abel Santiago Muri; SECOLI, Silvia Regina. Automedicação em estudantes de enfermagem do Estado do Amazonas. *Rev. Gaúcha Enfermagem*, Porto Alegre, v. 38, n. 1, e65111, mar 2017.

GARBIN, C. A. S.; *et al.* A realidade de uma prática autocomplacente: relato de um caso de automedicação. **ARCHIVES OF HEALTH INVESTIGATION**, v. 8, n. 1, 22 abr. 2019.

JUNIOR, J. G.; *et al.* Influência da publicidade na automedicação na população de um município brasileiro de médio porte. *J. Health Biol. Sci, Brasil*, v. 6, n. 2, p. 152-155, abr-jun 2018 .

LOPES, N. M. **Automedicação:** Algumas reflexões sociológicas. **Sociologia, Problemas e Práticas**, n.º 37, 2001, pp. 141-165.

Lutz BH, Miranda VIA, Bertoldi AD. **Inadequação do uso de medicamentos entre idosos em.** Pelotas, RS. *Rev Saude Publica.* 2017;51:52

MATOS, Januária Fonseca *et al.* Prevalência, perfil e fatores associados à automedicação em adolescentes e servidores de uma escola pública profissionalizante. **Cad. saúde colet.**, Rio de Janeiro , v. 26, n. 1, p. 76-83, Mar. 2018 . Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-462X2018000100076&lng=en&nrm=iso>. access on 19 Oct. 2020. <https://doi.org/10.1590/1414-462x201800010351>.

MORAES, L. G. M. D. *et al.* Automedicação em acadêmicos de Medicina. **Revista da Sociedade Brasileira de Clínica Médica**, Colatina, ES, Brasil, v. 16, n. 3, p. 70, out./2017. NAVES, Janeth de Oliveira Silva *et al.* Automedicação: uma abordagem qualitativa de suas motivações. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro , v. 15, supl. 1, p. 1751-1762, June 2010.

NÓBREGA, H. O. S.; *et al.* Intoxicações por Medicamentos: Uma Revisão Sistemática com Abordagem nas Síndromes Tóxicas. **Revista Saúde e Ciência**, Campina Grande, v. 4, n. 2, p.109-119, 2015.

PEREZ, M; *et al.* Preditores do uso de medicamentos na população cigana na Espanha: um estudo nacional de base populacional. **Public Health**, Europa, v. 129, n. 5, p. 453-459, May 2015.

Pereira Rocha BeserraF.; *et al.* AUTOMEDICAÇÃO EM IDOSOS: MEDIDAS DE PREVENÇÃO E CONTROLE. **Revista Contexto & Saúde**, v. 19, n. 37, p. 149-155, 17 dez. 2019.

ROMANO-LIEBER, N. S. *et al.* Sobrevida de idosos e exposição à polifarmácia no município de São Paulo: Estudo SABE. **Rev Bras Epidemiol** 2018, São Paulo (SP), Brasil, v. 21, n. 2, p. 27, ago/2014.

Ocan, M., Obuku, E.A., Bwanga, F. *et al.* Automedicação antimicrobiana domiciliar: revisão sistemática e meta-análise da carga, fatores de risco e desfechos nos países em desenvolvimento. **BMC Saúde Pública** 15.742 (2015).

SANTOS, A. N. M. D; NOGUEIRA, D. R. C; BORJA-OLIVEIRA, C. R. D. Automedicação entre participantes de uma Universidade Aberta à Terceira Idade e fatores associados. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia (RBGG)**, Rio de Janeiro (RJ), Brasil, v. 21, n. 4, p. 431-439, jun./2018.

SECOLI, S. R. *et al.* Tendência da prática de automedicação entre idosos brasileiros entre 2006 e 2010: Estudo SABE. **Rev Bras Epidemiol** 2018, São Paulo (SP), Brasil, v. 21, n. 2, p. 18, ago/2014.

SILVA, L. B. D. *et al.* Consumo de medicamentos e prática da automedicação por acadêmicos da área de saúde da Universidade Estadual de Londrina. **REVISTA ESPAÇO PARA A SAÚDE**, Londrina, v. 16, n. 2, p. 27-36, abr./2015.

Sistema Nacional de Informações Tóxico-Farmacológicas. Evolução dos casos registrados de intoxicação humana por agente tóxico [Internet]. Rio de Janeiro: Fundação Oswaldo Cruz; 2009. Disponível em <http://sintox.icict.fiocruz.br/dados-nacionais>. Acesso em: 20 de Out 2020.

Tesfamariam, S., Anand, I.S., Kaleab, G. *et al.* Automedicação com medicamentos contrários, prevalência de prática de risco e seus fatores associados em pontos de farmácia de Asmara, Eritreia. **BMC Saúde Pública** 19, 159 (2019). <https://doi.org/10.1186/s12889-019-6470-5>

TOGNOLI T.A *et, al* RR. Automedicação entre acadêmicos de medicina de Fernandópolis – São Paulo. *J Health Biol Sci.* 2019 Out-Dez; 7(4):382-386.

TOMASINI E, *et, al.* Condições de trabalho e automedicação em profissionais da rede básica de saúde da zona urbana de Pelotas, RS. *Rev Bras Epidemiol.* 2011;10(1):66-74.

Tratado de Geriatria e Gerontologia. Freitas, E.V.; Py, L.; Neri, A. L.; Cançado, F. A. X.C.; Gorzoni, M.L.; Doll, J. 4ª. Edição. Grupo Editorial Nacional (GEN), 2016.

Trebien, H. A *et, al.* **Medicamentos - Benefícios e Riscos com Ênfase na Automedicação.** Curitiba, UFPR, 2011.

Wang, W. *et al.* O equívoco do antibiótico igual a um medicamento anti-inflamatório que promove o uso indevido de antibióticos entre estudantes universitários chineses. *Int. J. Environ. Res. Saúde Pública* 2019, 16, 335.

ZHU, X; *et al.* Práticas de automedicação com antibióticos entre estudantes universitários chineses. **Public Health**, Ásia, v.130, p. 78-83, Jan 2016.

ZULLIG, K, J; *et al.* Uso não médico de analgésicos, estimulantes e depressivos prescritos por adolescentes e risco de suicídio. **Subst Use Misuse**, Estados Unidos, v. 50, n.13, p. 1678-1689, 2015.